

JORNAL MEIO DIA PARANÁ: JORNALISMO EM PROL DAS COMUNIDADES OU APENAS MAIS UM JORNAL NO MERCADO?

SILVA, Isabela Fernanda¹
FERRAZ, Talita de Kassia da Silva²

RESUMO: O jornalismo comunitário esquia-se de generalizações, trata de assuntos que fazem parte do cotidiano do público e se propõe a cobrir regiões menores. Sua função implica na construção de uma sociedade mais igualitária. Este trabalho se dedicou em esclarecer a importância desse segmento para as comunidades, bem como identificar de que forma a população pode participar na construção de notícias. Será que a participação comunitária apenas como fonte é a solução? A partir disso, foram analisadas edições do jornal Meio dia Paraná, buscando averiguar se ele possui intenção em se caracterizar como comunitário e como o veículo desempenha essa comunicação de forma concreta e inclusiva. Será que, de fato, o jornal Meio Dia Paraná cumpre o papel de incentivador do jornalismo comunitário na região? As comunidades cascavelenses são capazes de utilizar do veículo como um ampliador de vozes ou um meio que os representem? Analisa-se que o jornal comumente se intitule “do povo” e, com uma certa frequência, veicula notícias que foram pautas sugeridas pelas comunidades. Cabe a este trabalho responder se as questões levantadas são suficientes para considerar o objeto de estudo um jornal em prol das comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Comunidade; Notícia.

ABSTRACT: Community journalism relates to those subjects that are present on the daily life of their audience, it is also devoted to coverage of smaller regions of the city they are located in. Its function is to build an equalitarian society. This paper is dedicated to clarifying the importance of this field to communities, as well as identifying in which way the population can collaborate in the building of news. Could only be useful as an interviewee or source be the solution? From this point of view, editions of Meio Dia Paraná news were analyzed to verify if it intends to characterize itself as part of community journalism and also how the vehicle performs the communication in a correct and including way. Does Meio Dia Paraná accomplish the function to encourage community journalism on its surroundings? Are the communities in Cascavel able to use this vehicle in order to expand their voices or the environment they represent? It is known that the news entitles itself as popular and frequently shows news derived from suggestion of the people from the community. The purpose of this article is to answer if the questions above are enough to consider the object of study a news source that works in favour of the community.

KEYWORDS: Journalism; Community; News.

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: isabelafs99@hotmail.com

² Orientadora do trabalho. Pós-graduada em Mídias Sociais pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - FAG e professora na mesma instituição. E-mail: talitaferraz@fag.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo ocupa um papel de protagonista em uma sociedade ao construir e definir as etapas de produção, distribuição e consumo de conceitos, ideias e informações. A prática jornalística age como importante via de acesso e construção da realidade social. Tendo esses fatores em vista, é preciso analisar tal protagonismo e questionar se ele é inclusivo, real e representativo. Logo, é necessário elucidar o conceito de jornalismo comunitário. Esse gênero não tem como foco o lucro, mas, sim, a inclusão da comunidade nos meios jornalísticos. O jornalismo comunitário estruturado e realizado de forma apropriada deve fugir das generalizações e tratar de assuntos que fazem parte do cotidiano do público, de forma que cubra regiões menores, como bairros, movimentos sociais ou grupos específicos.

O jornalismo comunitário se torna uma oportunidade para a população alcançar espaço e abordar conteúdos de seu interesse, que nos grandes veículos de comunicação não são discutidos e, quando são, a abordagem não é a mesma; além disso, o gênero analisado pode proporcionar ao cidadão o exercício de seu direito à uma comunicação ativa e não apenas passiva. Para que um veículo de comunicação realize, de fato, jornalismo comunitário, é necessário que o cidadão inserido em um grupo de comunicação comunitária participe, de maneira dinâmica, do veículo, disposto a auxiliar na construção de um canal de comunicação cada vez mais inclusivo. Entretanto, essa realidade se encontra distante dos grandes veículos de comunicação. Vale ressaltar que a comunicação comunitária implica em repensar de quais formas determinada comunidade ou grupo pode participar na construção de notícia. Será que a participação comunitária apenas como fonte é a solução?

A intenção, ao investigar o tema proposto, é analisar um segmento jornalístico que desfruta de um local de reflexões e debates; um jornalismo que não se beneficia da neutralidade, mas que luta por pontos de vista claros e demandas sociais. Telejornais regionais de todo Brasil auxiliam na identidade individual e coletiva da sociedade na qual determinada comunidade está inserida. Em Cascavel - PR, diversos jornais televisivos usufruem de pautas oriundas de comunidades, contudo, raramente passam disso. Dessa maneira, se faz necessário compreender os efeitos positivos e negativos que a presença ou ausência de um jornalismo comunitário faz em uma sociedade.

A partir dessas premissas iniciais, o presente trabalho busca analisar o jornal Meio Dia Paraná – telejornal afiliado à Rede Globo e exibido de segunda a sábado, ao meio-dia, com o intuito de verificar se o mesmo atua exercendo o papel social que o jornalismo comunitário busca em prol dos moradores. Busca-se, aqui, refletir sobre os conceitos da comunicação comunitária e apresentar quais são os níveis para que um sistema de comunicação possa ser definido como jornalismo comunitário.

Diferentemente dos jornais da grande imprensa, o jornalismo comunitário contribui na socialização do indivíduo como ser. Essa prática jornalística se caracteriza pela valorização do indivíduo em uma sociedade habituada a nivelar as pessoas tornando-as generalizadas. Este trabalho visa responder os seguintes questionamentos: o telejornal Meio Dia Paraná cumpre o papel de jornalismo comunitário na região? Ele é um forte aliado para que os cidadãos conheçam as realidades de suas próprias comunidades e contribui na formação de opinião, diante de temas que são importantes para a comunidade? Os moradores da região atuam de forma significativa na construção do jornal?

A metodologia aplicada na pesquisa é de natureza qualitativa. Conforme Gil (2008), “esse tipo de pesquisa consiste na organização dos dados selecionados de forma a possibilitar a análise sistemática das semelhanças e diferenças e seu inter-relacionamento”. Compreende-se o método como um instrumento racional. Na análise qualitativa, o elemento humano continua sendo fundamental.

Isto posto, a análise busca investigar as reportagens exibidas pelo Jornal Meio dia Paraná. Serão averiguadas reportagens tendo foco em depoimentos, dados, critérios de noticiabilidade e fontes abordadas.

Também se faz aqui uma pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo buscar informações sobre o assunto e conceitos discutidos neste trabalho, tais como o papel social do jornalismo comunitário, as características de comunicação comunitária, a notícia como um produto a venda e o jornalismo como produtor de opinião pública.

2. O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO E A BUSCA PELO COMUNITÁRIO

Gabriel Garcia Márquez (2006) caracteriza o jornalismo como uma profissão somente para pessoas que nasceram com o dom e a vocação para exercê-la. “Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz...” (MÁRQUEZ, 2006).

O autor mostra o jornalismo como uma paixão insaciável e aponta críticas à formação cultural do profissional, além de apontar para a transformação do exercício jornalístico das últimas décadas, o qual, segundo ele, foi modificado após os avanços tecnológicos. Ainda nessa perspectiva, Gabriel Garcia Márquez descreve o jornalismo atual como indiferente, de modo que afasta a sensibilidade do jornalista ao enxergar o mundo.

Em contrapartida, surge o jornalismo comunitário como possibilidade de abrangência cultural, fugindo da ideologia mercadológica existente nos grandes veículos de comunicação. Por um longo período, discutir comunicação significou discutir meios, canais e mensagens. Contudo, para Peruzzo (1998), discutir comunicação popular implica discutir cultura.

Comunicação popular é aquela desenvolvida no contexto das comunidades, dos movimentos sociais. Peruzzo (1998) expõe duas denominações para essa prática: comunicação popular e comunitária. Do ponto de vista da autora, os termos se tratam da comunicação feita a partir das comunidades, dos grupos sociais, e que visam a todo um processo de conscientização ou de mobilização. O jornalismo comunitário procura a apropriação dos meios de comunicação, buscando os interesses dessas mesmas comunidades, ou seja, é uma comunicação feita por eles e para eles (PERUZZO, 1998).

A comunicação popular auxilia na democratização da sociedade, na conquista da cidadania e na contribuição para a elaboração de outros valores. Além disso, deve estar inserida em canais acessíveis. Neste processo, Peruzzo (1998) afirma:

Eles forjam sua própria comunicação, ou seja, a comunicação popular, desenvolvida no contexto onde atuam, enquanto necessidade de expressão em nível local, e com conteúdos específicos que os grandes meios massivos não conseguem satisfazer. Os canais caracterizam-se sobretudo como instrumentos simples e de baixo custo, em flagrante contraste com o progresso tecnológico já ao dispor da sociedade, mas inacessível, sob o ponto de vista de emissão de mensagens, para a maioria dos segmentos organizados das classes subalternas (PERUZZO, 1998, p. 148).

No entanto, é relevante ressaltar que o jornalismo comunitário não é somente um realizador de séries de reportagens que aborda apenas problemas sociais. Segundo Martins (2001), o gênero jornalístico deve ir além e apoiar as causas públicas e atuar em prol delas. Nesse aspecto, o autor complementa que jornalismo comunitário não se trata exclusivamente de uma campanha, mas que, também, é

necessário promover o desenvolvimento de formas mais ousadas de fazê-lo presente de maneira ampliada nos meios de comunicação.

A comunicação popular participativa contribui para a construção de uma cultura e uma educação democráticas. Na visão de Peruzzo (1998), ela ajuda a entender, resgatar e valorizar as raízes do povo, além de socializar o direito de expressão e desmistificar os meios. A partir do mesmo viés teórico, Marconde Filho (2002) considera que fazer jornalismo comunitário simboliza a sociabilização e a demonstração do cidadão como um ser relevante e não apenas mais um.

3. O QUE CARACTERIZA UM JORNAL COMO COMUNITÁRIO

O jornalismo comunitário inclina-se à recuperação da identidade individual e coletiva da corporação na qual está inserido. Buscando reconhecer e destacar a cultura local, sua prática desperta um sentimento de pertencimento do cidadão à sua comunidade.

A comunicação comunitária é voltada às necessidades da cidadania e serve como meio de mobilização social. Para Felipe Pena (2005), uma característica importante é o “completo afastamento do ranço etnocêntrico”. Na compreensão do autor, o jornalista responsável pela comunicação comunitária necessita enxergar com os olhos da comunidade. Mesmo que esse jornalista já esteja inserido em determinada comunidade, é essencial dedicar-se ao papel para se certificar de uma efetiva apropriação dos processos de mediação pelo grupo.

A presença de um jornalista é indispensável na comunicação comunitária, contudo, a participação popular é essencial para uma comunicação efetiva. Peruzzo (1998) ressalta a importância de promover o desenvolvimento de formas mais ousadas de fazê-la presente de maneira ampliada nos meios de comunicação.

Concretamente, a participação popular na comunicação comunitária pode significar, numa gradação crescente: o simples envolvimento das pessoas, geralmente ocasional, no nível das mensagens, ou seja, dando entrevistas, avisos, depoimentos e sugestões ou cantando, pedindo a inserção de músicas e aderindo a concursos; elaborar matérias (notícias, poesias, desenhos); compartilhar a produção global do jornalzinho, do programa de rádio etc.; tomar parte na definição da linha política, do conteúdo, do planejamento, da edição, do manejo de equipamentos (PERUZZO, 1998, p. 142).

O jornalismo comunitário carrega como um de seus grandes atributos o fato de aproximar-se de seu público, possibilitando um diálogo com mais profundidade e intensidade, afinal, seus princípios são diferentes. Essa distinção é notória na linguagem utilizada, nos conteúdos e nas produções – um jornalismo produzido para comunidade e pela comunidade de forma direta e participativa.

A característica mais significativa que difere o jornalismo comunitário é sua abordagem. A responsabilidade do jornal comunitário é com debates na esfera micro e, em contrapartida, os veículos da grande imprensa debatem temas macro, não havendo espaço, nem interesse, em levantar conteúdos que só significariam como notícias para determinado corpo social.

Portanto, pelo princípio elencado, para um jornal ser considerado comunitário, ele deve dar voz a quem geralmente não tem voz, de forma a valorizar a realidade local. Acima de tudo, necessita ter o espaço aberto para que a comunidade seja produtora da mensagem e não somente receptora. Esse segmento jornalístico deve se manter como um espaço para a reflexão e o debate. Dessa maneira, o foco da comunicação comunitária está diretamente ligado aos movimentos de base que lutam por uma maior qualidade de vida.

4. A NOTÍCIA COMO UM PRODUTO À VENDA

O compromisso do jornalista implica na responsabilidade social, sendo que tal conduta embasa o ofício e torna o jornalismo uma utilidade para o público. Contudo, Medina (1988) comenta que os veículos jornalísticos se organizam a fim de alcançar as massas e atingir um “mercado promissor que deve ser abastecido com informações ágeis, leves, consumíveis...” quando o papel do jornalista precisa estar entrelaçado com o social e não com as escolhas do jornal. Esse fato ocorre, inclusive, se a empresa busca ser imparcial e ceder espaços para todos, visto que cada veículo possui sua especialidade e irá se dirigir ao que traz lucro para sua empresa.

Nas colunas e críticas de Variedade (espetáculos, arte e comunicação) as assinaturas são vestígios expressos da personalidade na mensagem. Mas aí é preciso imediatamente ligar com o nível grupal, porque em geral os críticos e colunistas estão muito ligados a grupos (intelectuais, determinada classe social, grupos religiosos etc.) e exercem pouco uma individualidade de expressão. Na maior parte dos casos, são porta-vozes (MEDINA, 1988, p. 77).

Medina (1988) aborda a competência social do jornalista e estabelece que seu papel está em informar de maneira simples e inteligível, além de agir de forma que possibilite mais compreensão dos acontecimentos e entendimentos repassados à sociedade, permitindo que qualquer indivíduo seja capaz de fazer suas próprias escolhas e críticas de maneira livre. Essa concepção apoia princípios enraizados no jornalismo comunitário, que busca discutir o que não é veiculado na grande imprensa e que, muitas vezes, nem chega a existir perante a sociedade.

A tecnologia apressou o fluxo noticioso, agilizando os processos de codificação, mas esse fluxo não se opõe ao serviço integral da demanda social (MEDINA, 1988). Segundo a autora, a informatização oportuniza o efetivo aprofundamento de fontes, porém, ela só serve aos interesses econômicos da circulação no mercado.

Sobre o assunto, Medina (1988) ainda afirma que o jornalismo comunitário não deve partilhar das características das empresas jornalísticas, a qual inclina-se a transformar a notícia em mais um produto no mercado, nesse caso, a maior preocupação é vender, não importando quais efeitos essa notícia pode gerar ao público. O jornalismo da indústria cultural cresce gradativamente, o que dificulta o exercício do jornalista em se desligar de valores mercadológicos.

5. JORNALISMO COMO CONSTRUTOR DA OPINIÃO PÚBLICA

A mídia exerce um papel de forte influência na vida e no cotidiano das pessoas. Souza (2001, p.13) define o jornalismo como uma forma de comunicação em sociedade, em que a imprensa se responsabiliza por noticiar o cotidiano, fiscalizar os agentes de poderes, além de levantar a discussão de assuntos sobre questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, entre outros temas. O papel do jornalismo não se limita apenas em noticiar, podendo assumir a função de contribuir para a formação dos seus leitores, seja ensinando-o a exercer seu papel social ou proporcionando prazer, distração e entretenimento aos consumidores, de modo que colabore para a formação social desse espectador. Lippmann (2008) discorre sobre o tema e expõe suas ideias a respeito da Opinião Pública.

Aqueles aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos

chamar rudemente de opinião pública. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas (LIPPMANN, 2008, p. 40).

Para Lippmann (2008), o papel fundamental da mídia não é vender a opinião pré-fabricada, mas, sim, apresentar todas as informações com pluralidade e dados, para que o público consiga formar sua própria opinião de forma racional. Nesse segmento de formação de pensamento, a mídia é apenas um, entre diversos grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como fundamento para formar suas opiniões. Claramente o peso de cada grupo de referência tende a variar de acordo com a realidade individual.

Com relação ao exposto, as notícias devem ser entendidas como mensagens que motivam a criação de imagens na cabeça de seus públicos, ocasionando em múltiplas percepções e opiniões, sendo que essas concepções variam de acordo com o posicionamento dado mediante ao fato apresentado. Além disso, essas mensagens não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Francisco Fernandes Ladeira discorre³ sobre o assunto afirmando que “cada indivíduo está envolto em uma ‘bolha ideológica’, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo”.

Para os efeitos desse trabalho, cabe salientar que jornais comunitários devem auxiliar de forma benéfica na construção da opinião, uma vez que seus receptores, por muitas vezes, não conhecem outra realidade além daquela discutida pelo veículo. O homem, mesmo em sua experiência individual, não tem acesso direto à realidade. Dessa forma, as representações criadas pela mídia são capazes de aperfeiçoar pensamentos e, conseqüentemente, ações. Como caracteriza Lippmann (2008), a complexidade do mundo faz com que o homem não consiga compreendê-lo sozinho, principalmente o que está distante da percepção da realidade na qual vive cada um.

³ Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>> Acesso em: 12 set. 2020.

6. MEIO DIA PARANÁ – CASCAVEL

O recorte da pesquisa dedica-se em analisar o Meio dia Paraná – Cascavel. O telejornal local é exibido de segunda a sábado, ao meio-dia⁴, e se estende por até, aproximadamente, uma hora de apresentação. O telejornal tem como foco destacar os principais fatos do dia e apresentar reportagens produzidas pelas oito emissoras da RPC: RPC Curitiba, RPC Foz do Iguaçu, RPC Ponta Grossa, RPC Paranaíba, RPC Londrina, RPC Maringá, RPC Guarapuava e RPC Cascavel.

A RPC Cascavel é uma emissora pertencente ao Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom). Além de transmitir o Meio Dia Paraná e o Boa Noite Paraná, a emissora transmite a programação da Rede Globo e produções estaduais produzidas pela RPC Curitiba, sendo elas: Bom dia PR, Globo Esporte PR, Plug, Estúdio C, Meu Paraná e RPC Maringá com o Caminhos do Campo.

No dia 20 de agosto de 2018 houve uma mudança na denominação dos telejornais: Paraná TV 1ª Edição e 2ª Edição passaram a se chamar Meio Dia Paraná e Boa Noite Paraná, respectivamente, como uma forma de aproximar os telejornais do modo de falar no dia a dia.

7. ANÁLISE

Neste estudo, analisou-se as reportagens produzidas pelo jornal Meio Dia Paraná, por meio da plataforma digital Globoplay, entre 01 de fevereiro e 17 março de 2020. A fim de não criar uma análise tendenciosa, as escolhas das notícias foram feitas de forma aleatória. As matérias desse jornal foram escolhidas para a análise por se tratar de um veículo que, constantemente, se denomina “do povo” e “da comunidade”. Portanto, com o objetivo de averiguar se tais qualificações são, de fato, aplicáveis ao veículo de comunicação, três reportagens produzidas em bairros da cidade foram analisadas e serão debatidas no decorrer do estudo.

Como já acentuado no presente artigo, o jornalismo comunitário tem como uma de suas características a contribuição na luta por direitos e conquistas da comunidade. Marcondes Filho (1987) comenta que se o jornal comunitário não seguir as características que o torna diferente do jornalismo da grande imprensa, ele será só

⁴ Informações retiradas de <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 06 out. 2020.

mais um jornal no mercado. Diante disso, cabe a esta análise investigar se o serviço prestado pelo jornal “Meio Dia Paraná” se difere dos demais e se ele vem contribuindo para uma sociedade mais digna e igualitária. Além disso, cabe analisar se o veículo se propõe a ser um meio de propagação de pautas comunitárias e se, portanto, pode vir a se apropriar do conceito de jornalismo comunitário.

Figura 1 - Cruzamento da Jacarezinho com a Estilac Leal é motivo de reclamação



Fonte: Globoplay (Exibido em: 19 fev. 2020)

A figura 1 trata-se de uma reportagem produzida pela repórter Ana Flávia Nunes⁵ exibida no dia 18 de fevereiro de 2020 pelo jornal Meio Dia Paraná. O atual apresentador do jornal, Valdinei Rodrigues⁶, contextualiza a matéria alegando que “o veículo solicita diariamente a participação popular a fim de reivindicar situações nas comunidades e abordar demandas que muitas vezes nem o poder público sabe do que se trata”.

O apresentador afirma, também, que a reportagem seria fruto de uma sugestão de pauta e que, portanto, os motoristas e moradores do São Cristóvão – bairro localizado na região leste de Cascavel –, solicitaram a presença da equipe para que alguma atitude fosse tomada a respeito de um cruzamento que estava gerando complicações.

⁵ Ana Flávia Nunes é jornalista e há 5 anos e 8 meses trabalha na RPC - Rede Paranaense de Comunicação. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/anna-fl%C3%A1via-nunes-39b8661b0>>. Acesso em 14 out. 2020.

⁶ Valdinei Rodrigues é jornalista e há 6 anos e 7 meses trabalha para o GRPCOM - Grupo Paranaense de Comunicação. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/valdinei-rodrigues-9592a635>>. Acesso em 14 out. 2020.

Figura 2 - Fonte ouvida durante a reportagem sobre o cruzamento da Jacarezinho com a Estilac Leal



Fonte: Globoplay (Exibido em: 19 fev. 2020)

A primeira fonte presente na reportagem (figura 1) é um motorista que relata sua infeliz experiência no local, não sendo identificado como um morador. A segunda e a terceira fontes (figura 3) também são entrevistadas no local da notícia e, novamente, não há indícios de envolvimento dessas fontes com a comunidade, o que comprova que o jornal não teve a preocupação de buscar conversar, de fato, com quem é morador da região e que, supostamente, havia levantado e sugerido a pauta sobre o problema do cruzamento.

Figura 3 - Fontes entrevistadas no cruzamento da Jacarezinho com a Estilac Leal



Fonte: Globoplay (Exibido em: 19 fev. 2020)

Nesta primeira análise, nota-se a falta de atenção do jornal em trazer como fontes os moradores da comunidade, que sofrem e são impactados diariamente com o problema relatado. A notícia é apresentada como sugestão de pauta que foi levantada pelos motoristas e moradores da região, contudo, esses moradores não

foram ouvidos, o que acaba tirando a grande possibilidade de essa comunidade se utilizar do veículo como um amplificador de vozes ou um meio que a represente.

A partir desta análise, é possível questionar a conduta do jornal que se apropria da pauta sugerida pela comunidade, relata que os moradores da comunidade foram ouvidos, mas em nenhum momento se atenta em mostrar esses moradores e levá-los para dentro da notícia. Cabe aqui um novo questionamento: a comunidade não possui nenhuma fonte oficial que poderia ser ouvida? Algum representante da Associação de Moradores do Bairro São Cristóvão foi procurado para participar da notícia e expor sua visão sobre o cruzamento?

De acordo com Peruzzo (2009), a comunicação popular e comunitária pode ser compreendida de diversas formas, “mas sempre denota uma comunicação que tem o ‘povo’ (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário”.

Logo, por mais que seja um conteúdo sugerido pela comunidade, a notícia veicula não representa socialmente a comunidade. Com a conduta da equipe em se deslocar ao local e não incluir esses moradores na construção da matéria, é possível notar que não há o intuito, por parte do jornal, em ser comunitário, mas, sim, de somente se apoderar de notícias levantadas pela comunidade.

Figura 4 - Cettrans instala abrigos provisórios em pontos de ônibus nos bairros de Cascavel



Fonte: Globoplay (Exibido em: 28 fev. 2020)

Na segunda reportagem analisada, percebe-se que a pauta também é apontada como sendo indicada por moradores. Neste caso, uma moradora e comerciante da rua diz representar a comunidade e participa da entrevista mostrando sua indignação com um ponto de ônibus antigo instalado recentemente em sua rua.

Como o objeto de estudo inclina-se a analisar o envolvimento do jornal com a comunicação comunitária, cabe aqui pontuar o nível de participação que o Meio Dia Paraná alcança trazendo para suas entrevistas moradores de determinadas regiões. Peruzzo (1998) discursa sobre essa questão e classifica a colaboração entre a população e os meios de comunicação comunitários em quatro níveis, o primeiro deles trata a respeito das:

Mensagens: Compreende a participação pura e simples nas mensagens, representadas por entrevistas, depoimentos, denúncias, avisos, pedidos de músicas, envio de sugestões e inscrição em concursos, entre outras possibilidades (PERUZZO, 1998, p. 145).

O primeiro nível trazido por Peruzzo refere-se a um nível básico, de fato cumprido pelo jornal. No entanto, para que ele se caracterize como comunitário é preciso ir além e percorrer os demais níveis.

No segundo nível, Peruzzo (1998) discorre sobre a “produção de mensagens, materiais e programas”. Essa fase está ligada à participação e ao nível da elaboração mediante a aplicação da capacidade pessoal e da qualificação técnica, na produção sistemática, periódica ou ocasional, de notícias, artigos, poesias e desenhos transmitidos pelo veículo. Logo, analisa-se que o Meio dia Paraná se encontra estagnado no segundo nível, sem iniciativas que vão adiante das básicas, expostas no nível 1.

Assim como na primeira reportagem exposta neste trabalho, essa também traz como fonte oficial a Cettrans - Companhia de Engenharia de Transporte e Trânsito. Dessa forma, entende-se que o veículo não busca produzir reportagens comunitárias que fogem das fontes frequentemente ouvidas, conseqüentemente, as pautas abordam sempre o mesmo assunto.

Figura 5 - Moradores reclamam de falta de calçada na avenida Comil



Fonte: Globoplay (Exibido em: 11 fev. 2020)

Nesta outra reportagem produzida pelo jornal Meio dia Paraná, que também aborda questões relacionadas a problemas de infraestrutura, surgem novos questionamentos acerca dos critérios de noticiabilidade adotados pelo jornal quando trata de pautas comunitárias.

É inegável o fato de que nem tudo vira notícia. Contudo, quando se refere a pautas produzidas nas comunidades, se nota a persistência em levantar assuntos relacionados a problemas e assuntos negativos, em especial aos que se relacionam à infraestrutura. Diante disso, surgem os seguintes questionamentos: as comunidades, assim como o Centro e bairros nobres, não possuem pautas de cunho positivo? O jornal busca por pautas culturais também nos bairros periféricos da cidade? Por que os bairros mais elitizados da cidade aparecem em pautas que vão além de problemas e as comunidades não?

Cabe ressaltar que o objetivo do trabalho não é, em momento algum, fazer uma crítica em relação aos assuntos que o jornal busca levantar na sua linha editorial, mas, sim, fazer um apontamento de que para que o jornal Meio Dia Paraná possa vir a ser considerado comunitário, ele precisaria cumprir com algumas medidas que visivelmente não são adotados pelo veículo de comunicação.

Esta análise se dedicou, ainda, em se aprofundar nas edições do jornal do Meio Dia Paraná, entre 01 de fevereiro e 17 de março de 2020, para averiguar quantas vezes as pautas oriundas dos bairros de Cascavel foram de abordagem positiva ou se, geralmente, são discutidos apenas conteúdos de abordagem negativa. Dessa

forma, é possível observar se o jornal procura comumente abordar apenas os problemas enfrentados pelas comunidades, o que acabam por se tornar notícias mais vendáveis, como explica Medina:

Perfeitamente sintonizados com os problemas dessa escolha em função da estrutura empresarial dos meios de comunicação, se entregam a um relativismo pessimista ou então partem para a análise do outro pólo de seleção que consideram mais determinante: o gosto do público. Temos então uma seleção regulada pelos interesses do consumidor (MEDINA, 1988, p. 20).

A autora discorre diante do critério da objetividade, que aborda a seleção dos fatos noticiados. Dessa maneira, analisando as edições propostas, verifica-se a busca incessante do jornal por pautas de abordagem problemática quando essas são derivadas de comunidades periféricas.

No recorte analisado, foram encontradas sete reportagens que contavam com sugestões e participações de moradores de regiões afastadas do Centro da cidade. Das sete reportagens, seis fazem referência a problemas enfrentados por moradores, sendo quatro a respeito de problemas de infraestrutura. Vale ressaltar que o jornalismo comunitário não se trata somente de séries de reportagens que abordam somente problemas sociais. Além disso (PERUZZO, 1998), reflete sobre outra característica essencial e que não é adotada pelo jornal Meio dia Paraná: a comunicação feita por eles e para eles. Portanto, a comunidade deve ser protagonista na elaboração da notícia e sua finalidade necessita ser em prol dela.

Partindo dessa análise, voltamos aos questionamentos citados anteriormente. Quando os assuntos são pautas oriundas das comunidades, não há temas positivos a serem abordados? Não há sugestões de pautas que vão além de problemas? E se essas sugestões existem, elas são descartadas pelo veículo? Afinal, por que elas não se tornam notícias como as de questões problemáticas? Qual a finalidade do jornal em se intitular “do povo”, sendo que na prática não se atenta em incluir todos os âmbitos de uma comunidade?

A RPC vai além em buscar alternativas para parecer vinculada ao povo. O grupo criou em 2019 o aplicativo “Você na RPC”, citado pelo diretor-geral do grupo em uma reportagem⁷ como uma ferramenta que tem o objetivo de “oferecer um

⁷ Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/rpc/noticia/voce-na-rpc-baixe-o-novo-aplicativo-da-rpc.ghtml>>. Acesso em: 29 out. 2020.

aplicativo ainda melhor para o público e estar cada vez mais próxima dos telespectadores”. Porém, é nitidamente explícita, no período de tempo analisado, a participação dos espectadores apenas com mensagens de texto (sugestão de pauta, críticas, elogios, etc.), fotos, ou ainda com pequenos vídeos (normalmente o conteúdo refere-se a chamadas para os intervalos comerciais, gravadas pelo público).

Para utilizar o meio a favor das comunidades, a plataforma deveria usar o alcance e ir adiante. O aplicativo se prende à ideia restrita da participação dos telespectadores, contudo, necessitaria mediar a possibilidade de um meio aberto, com a chance de uma participação concreta, usando os moradores como fontes ou até mesmo como criadores de notícias para o jornal Meio dia Paraná.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto neste trabalho, o jornalismo comunitário implica em atender as demandas das comunidades. Para que, de fato, seja identificado em um meio, é necessário cumprir uma série de critérios com o objetivo de incluir esse povo em uma sociedade mais digna e igualitária, buscando reconhecer e destacar a cultura local. Adotar as sugestões de pautas da população e incluí-las como fonte em uma notícia é extremamente necessário, porém, não se pode parar por aí, o trabalho desenvolvido em um meio comunitário deve ir além, pois a comunidade deve fazer parte do meio e não apenas ser utilizada quando convém ao veículo. Nesse caso, é indispensável a participação do povo como protagonista.

Na análise, podemos perceber que o jornal Meio dia Paraná ainda não pode ser caracterizado como um jornal comunitário, pois, como abordado, ele não se enquadra nos critérios de noticiabilidade e de participação citados por Peruzzo. Cabe ressaltar, também, que o jornal Meio Dia Paraná cumpre um papel importante, sendo um dos principais jornais informativos da região, porém, poderia explorar ainda mais a participação comunitária nas mais diversas comunidades de Cascavel.

Para que o jornal Meio Dia Paraná viesse a se tornar comunitário, seria necessário dispor de um canal aberto de participação efetiva por parte das comunidades, sendo possível enviar vídeos e áudios. Porém, seria indispensável a veiculação de variadas pautas jornalísticas, sem levar em consideração valores mercadológicos. É relevante ressaltar que o jornalismo comunitário não aborda apenas problemas sociais. É importante que todo e qualquer assunto seja discutido

em um meio comunitário e, principalmente, se faz necessário entender, resgatar e valorizar as raízes do povo, além de socializar o direito de expressão.

Contudo, como visto na análise, o Meio Dia Paraná frequentemente adota pautas oriundas das comunidades para discutir problemas enfrentados por elas. Certamente, os bairros da cidade, assim como as regiões centrais, também possuem diversas pautas positivas, como divulgações, movimentos culturais, etc. Para se tornar comunitário ou mais representativo, primeiramente, seria fundamental a mudança desse tipo de conduta, uma vez que as comunidades precisam ser abordadas integralmente e essas pautas não as representam em sua totalidade.

Cabe aqui não esgotar a discussão acerca do cumprimento da função social como jornalismo do jornal Meio Dia Paraná, pelo contrário, o trabalho visa identificar quais mudanças poderiam ocorrer para que o jornal analisado pudesse ser caracterizado como comunitário ou, ainda, como um jornal mais representante das vozes comunitárias. O Meio Dia Paraná, como um veículo informativo, poderia se tornar um jornal mais próximo das comunidades de Cascavel e não servir apenas para serviços mercadológicos. Como explica Medina (1988), o jornalismo comunitário não deve partilhar das características das empresas jornalísticas, a qual inclina-se à transformar a notícia em mais um produto no mercado.

Dessa forma, a função do jornal analisado se tornaria outra, passando a ser um amplificador de vozes e, conseqüentemente, passaria a ser um transformador de realidades sociais.

Para concluir, vale ressaltar que a pesquisa apresentada é pertinente para o campo da comunicação, pensando na possibilidade de que novos estudos possam ser feitos para a contribuição de um jornalismo em prol das comunidades e menos voltado ao mercado.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002.

_____. Quem manipula quem? 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **A melhor profissão do mundo**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/_ed8_a_melhor_profissao_do_mundo/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MARTINS, Luiz. **Civic journalism**: um gênero que no Brasil ainda não emplacou. Observatório da imprensa, 2001. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 24 set. 2020.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicília M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-dejornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 23 set. 2020